

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda São Domingos**

código  
AVII - FO3 - Ita

localização  
**Rodovia BR-356**

município  
**Itaperuna**

época de construção  
**século XIX (1840)**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**fazenda de gado de corte/leite/olericultura / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**Tombamento Estadual**

proprietário  
**particular**



Fazenda São Domingos, casa-sede

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino – abr 2010**  
equipe **Marcelo Salim de Martino, Vítor Caveari Lage, Jean Carlos Rabelo Ferreira e Lia Márcia de Paula Bruno**  
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão / data  
**Thalita Fonseca – jul 2010**



situação



ambiência

Há duas maneiras de se chegar à Fazenda São Domingos: a primeira – e mais utilizada – é a partir da cidade de Itaperuna, pela BR-356, em direção ao Distrito de Aré. Em Aré, uma estrada vicinal conduz até a entrada da fazenda.

Após 15 km, alcançam-se as instalações da Fazenda São Domingos, que fica situada à margem direita do Rio Muriaé, onde deságua o ribeirão de mesmo nome, com sua cachoeira (f01) e trechos de matas nativas, *habitat* natural para muitos pássaros como quero-queros, maritacas, papagaios, garças, irerês e marrecos selvagens. Ainda nessa parte da fazenda está localizada uma roda d'água (f02), local onde provavelmente esteve instalado um dos engenhos da propriedade.

Outra possibilidade de acesso, também a partir de Itaperuna, é a estrada próxima ao Frigorífico Cubatão, que leva também a outras propriedades da região, sendo pouco utilizada devido às condições atuais de conservação em que se encontra.

A fazenda, cortada pela antiga estrada de ferro da Rede Ferroviária Federal, ainda preserva um pontilhão de pedra (f03), e a estrada é usada "(...) como servidão de pedestres, com considerável fluxo, atendendo aos moradores da propriedade como também aos do Distrito de Aré" (BIZZO, 2008).



01



02



03

A casa-sede da Fazenda São Domingos (f04) foi construída, em 1840, seguindo a linguagem simples do colonial e mantendo as características mais comuns às casas de fazenda do Vale no que se refere à implantação, a solidez da edificação e a adequação à topografia do sítio natural. Entre elevações, matas, rochas, rios e cachoeiras, seu programa arquitetônico se desenvolveu organicamente e, ao longo do tempo, de acordo com a necessidade, evidenciado na sucessão de seus anexos, respeitando a paisagem privilegiada circundante (baseado em BIZZO, 2008) (f05).

A casa-sede e algumas benfeitorias, como antigas casas de colonos que formam uma pequena vila (f06 e f07), estão assentadas sobre platô, tendo ao centro um grande jardim de formato retangular muito bem cuidado (f08 e f09), protegido por um pequeno muro (f10), contribuindo para a valorização do conjunto.



04



05



06



07



08



09



10

Projetada em forma de um “L” (f11), a sede possui porão alto (f12), sendo térrea em sua fachada principal (f13), onde se localiza uma extensa varanda, possivelmente edificada entre as décadas de 1940-50 em substituição ao alpendre original.

Essa varanda contínua possui uma galeria de seis vãos em arcos retos adoçados nos extremos, e cobertura suportada por sete colunas de seção circular, que originalmente eram de madeira, e que funcionam, em suas bases, como pilaretes para o guarda-corpo de ferro.

É nesta varanda que se localizam a porta principal de acesso – de duas folhas com almofadas rebaixasadas – e as janelas de guilhotina com caixilhos de vidro (f14). Nas extremidades das varandas estão localizados, de um lado, a porta de acesso ao escritório (f15) e, de outro, a esquadria que convida à pequena capela de São Domingos, uma grande porta almofadada de verga curva (f16), que conduz ao interior da capela (f17) que em muito lembra os antigos oratórios mineiros.



11



12



13



14



15



16



17

A capela possui nave com um altar central, este com patamares em desníveis e revestimento em esmalte sintético nas cores azul e branco, onde estão dispostas diversas imagens, destacando-se a de São Domingos, provavelmente do século XIX (f18). O altar é arrematado por um arco rendilhado de madeira, do tipo lambrequim (f19), ladeado por nichos destinados a imagens menores. Na frente do altar está localizada a mesa para celebração.

A fachada posterior, voltada para o Rio Muriaé e para a BR-356, possui, no segundo pavimento, um alpendre com sequência de janelas tipo guilhotina de vidraças, que ocupa grande parte da fachada posterior (ver f11).

Essa caixilharia corrida em sua extensão tem o objetivo de proteger o alpendre que, sem dúvida, é um dos ambientes mais interessantes da edificação, por proporcionar uma vista aprazível dessa parte da fazenda (f20). Na fachada lateral leste, que acompanha o declive natural do terreno, localiza-se uma grande área pavimentada onde está a piscina (f21), a churrasqueira, e uma bancada com pia e tanque. Nessa parte da construção também se tem acesso ao porão que, segundo o proprietário, foi onde esteve instalada a senzala da fazenda (f22).

No porão, que possui paredes com 45 cm de espessura, observa-se o barroamento (f23) que sustenta o lindo piso de tábuas largas, do tipo paralelo. *“Algumas vigas em madeira apresentam orifícios onde originalmente colocavam as grades das celas separando os escravos em reclusão”* (BIZZO, 2008).

Na outra extremidade do “L” estão: a cozinha (f24), a sala de almoço e as dependências dos empregados domésticos. Ainda nesta área se tem acesso ao restante do conjunto de edificações da Fazenda São Domingos, que compreende o curral (f25), tulhas (f26), serraria e pátios para secagem de grãos (f27).



18



19



21



20



22



23



24



25



26



27

Na fachada lateral oeste, o corpo principal da casa-sede está geminado com um anexo, utilizado como uma residência independente, reformada posteriormente, mas que mantém as características externas dos outros anexos (baseado em BIZZO, 2008) (f28, f29 e f30).

Ainda segundo a arquiteta Márcia Canedo Bizzo, responsável pela elaboração dos estudos de tombamento encaminhado por seus proprietários (2008), “o programa da casa é bem definido e sofreu poucas alterações com relação ao original, mantendo a tradição familiar brasileira. Os cômodos podem ser relacionados assim: a varanda com a capela ao fundo e à direita e um escritório à esquerda; a circulação principal e logo na entrada, à esquerda uma sala de estar ligada a um quarto de parede geminada à capela”.

Logo a seguir, a sala de jantar (f31, f32 e f33) ligada à sala de almoço com despensa e banheiro, que mantém banheira original. Ela está integrada ao setor de serviços no “L”, da edificação, através de uma circulação, com acesso e vista para o pátio da piscina e porão, que leva a outra sala de almoço e à cozinha, que mantém em funcionamento, diariamente, seu fogão à lenha. A sala de almoço principal leva também a outra varanda integrada ao anexo lateral, que foi reformado posteriormente, servindo para uma nova residência, com sala e dois quartos.

A parte íntima se desenvolve ao longo do lado esquerdo da edificação, com relação à fachada frontal, com três grandes quartos (f34 e f35), todos com banheiro, alguns construídos posteriormente, voltados para o exterior no lado leste e um ao fundo de outra varanda, onde termina a circulação do setor de serviços, e do lado direito em um quarto com banheiro com vista para o pátio da piscina e para o lado leste (BIZZO, 2008).

A casa possui paredes estruturais em tijolos maciços, apoiadas em embasamento de pedras. As paredes internas são apoiadas sobre vigamento de madeira, suportado por pilares em cantaria, conforme prospecção. O revestimento das paredes das salas e dos quartos, do corredor social e da varanda é despojado, apenas massa corrida e atualmente pintura PVA branco gelo. O forro em madeira original desses ambientes apresenta um desenho com quadros retangulares e molduras em alto relevo pintadas de branco,(...) com aeríferos centrais (f36). (...) A copa e o banheiro são revestidos de cerâmica branca até a altura de 1,60 m. (...).

O telhado em telhas capa e canal mantém beiral para o pátio da frente, para os dois afastamentos laterais e para a fachada posterior. As telhas são artesanais, muitas gravadas com a data e o nome de quem as confeccionou. Há anexos cobertos por telhas francesas também, mas em minoria, e os forros são todos em madeira.

O piso da área interna é constituído por tabuado de madeira original (f37), muito bem conservado, com tábuas que chegam a ter a largura de uma cama de solteiro. O piso da varanda principal não é original, foi trocado há aproximadamente meio século atrás e se constitui hoje por cerâmicas hexagonais vermelhas. Já o alpendre (f38 e f39), na fachada posterior, possui o piso também em cerâmica.



28



29



30



31



32



33



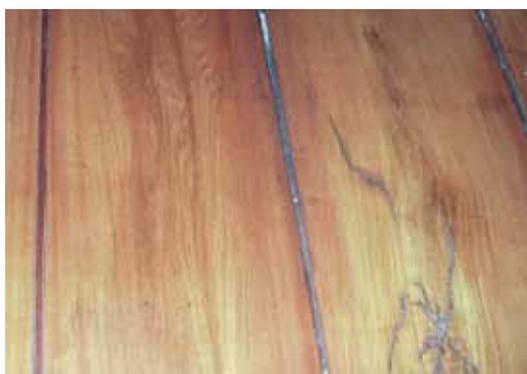
34



35



36



37



38



39

*A sala de almoço possui piso da mesma cerâmica da varanda da frente. Já o setor de serviços, que pegou fogo há alguns anos e foi reconstruído como o original, tem piso de cerâmica clara. (BIZZO, 2008).*

Há diversos tipos de esquadrias, sendo a maior parte das janelas como as instaladas na fachada principal e na fachada posterior, do tipo guilhotina com caixilhos de vidro (f40). As da fachada lateral também são de guilhotina, mas possuem janelas internas de venezianas (f41). No porão, destacam-se as janelas vedadas por barras verticais de madeira, à moda das moradas paulistas, presente em outras fazendas da região (f42).

Com relação às portas, a maioria tem duas folhas, almofadadas e de verga reta, como a da entrada principal. Internamente, algumas das portas possuem bandeiras com vidros (f43), provavelmente introduzidas em alguma reforma, evidenciando uma influência neoclássica.

No pátio frontal estão localizados dois blocos de construções que, junto à casa-sede, estabelecem o “U” do conjunto edificado. Essas edificações possuem telhados de duas águas, cobertos com telhas cerâmicas do tipo capa e canal, arrematadas por beiral do tipo encachorrado (f44), com portas e janelas de uma única folha, enrelhadas (f45) e que eram separadas, internamente, com paredes de alvenaria de tijolos maciços.

No passado utilizadas como casas para colonos, essas construções atualmente abrigam a casa do caseiro, oficina, serraria, tulhas e depósitos para materiais diversos. O bloco do lado esquerdo foi adaptado para residência de um dos filhos do proprietário.

Sobre as edificações da Fazenda São Domingos (f46) “(...) podemos afirmar que foram as maiores e as mais importantes jamais construídas, no tempo do império, em fazendas do interior. Só a casa da sede custou em moeda forte, com libra esterlina valendo Cr\$ 8,80, a quantia de ... Cr\$ 50.000,00 (naquele tempo), e, nela, foram empregados 50 oficiais especializados, além de numerosos serviçais, e consumidos 18 meses de porfiado labor. A casa das máquinas, do Banguê, do alambique, do engenho de cana, das dornas, dos alojamentos para os escravos, os depósitos, ocupavam uma área considerável.



40



41



42



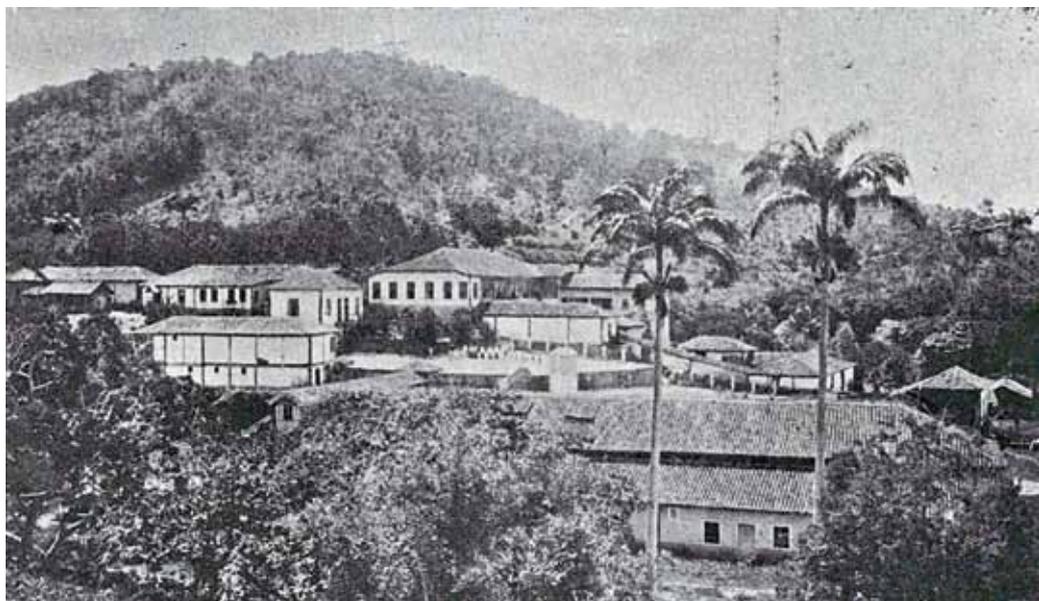
43



44



45



46

A casa dos carneiros, localizada do outro lado da ponte sobre o valão de São Domingos, com as suas paredes cheias de crivos quadrangulares, dava uma impressão de rara beleza e originalidade. Serraria, estábulos, cocheiras, currais, ceva, olarias, caeiras, valos, ótimas estradas de rodagem, fileiras de bambus, um vasto e variado pomar com frutas e especiarias, sobressaindo às mangas de enxerto “Carlota”, “Augusta” e “Rosa”, os sapotís, os cambucás, o mangustão da Índia, a canforeira, o cravo da Índia e a pimenta da Jamaica, traziam o ambiente perfumado com odores penetrantes e deliciosos, e eram completamente dessa fazenda.

Também de suas ricas pastagens, belos rebanhos de ovinos e de gado “vacum”, se multiplicavam à sombra de cuidados higiênicos e bom trato. Depois da abolição da escravidão, a fazenda interrompeu, quase completamente, todas as suas atividades. Onde, dantes, tudo era movimento, trabalho fecundo, agitação febril e vida, sucedeu, aos poucos, quietude, marasmo, melancolia profunda.” (HENRIQUES, 1956: 226).

O antigo engenho/tulha situa-se ao norte, às margens do Rio Muriaé e do valão de São Domingos, junto a uma das estradas da propriedade (f47). Percebe-se que parte do conjunto que formava o antigo engenho foi transformada em curral (ver f26). Ainda estão de pé uma chaminé (f48) e a antiga tulha para guardar café, que é ligada aos terreiros de café por interessante passadiço (f49). Os terreiros para secagem de grãos estão localizados numa elevação situada nos fundos da ala de casas de colonos, do lado esquerdo da casa-sede.

Essa parte da construção é amparada por grandes muros de contenção, feito de pedra de mão e revestido com argamassa (f50).



47



49



48



50

A tulha é uma construção que possui dois pavimentos com porão alto nos fundos e a frente apoiada sobre uma estrada. O primeiro pavimento possui paredes de pau a pique revestidas com argamassa (f51), apresentando duas pequenas janelas enrelhadas de folha única (f52).

Em seu segundo pavimento está o passadiço aberto, com guarda-corpo vazado, piso de madeira e cobertura de telhas do tipo capa e canal, seguido por um longo corredor fechado com paredes de tábuas, e uma única pequena janela localizada na parte central (f53 e f54). Destacam-se as quartilhas que guardam a entrada do passadiço e as duas mísulas de madeira que dão acabamento aos frechais e à tesoura do telhado (f55).

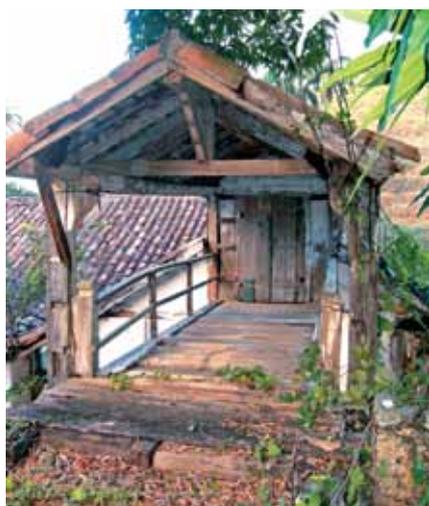
Um pouco mais abaixo desse conjunto estão localizadas as ruínas do antigo engenho, onde ainda é possível encontrar os barrotes que sustentavam o piso da edificação, que exibia porão habitável (f56).



51



52



53



54



55



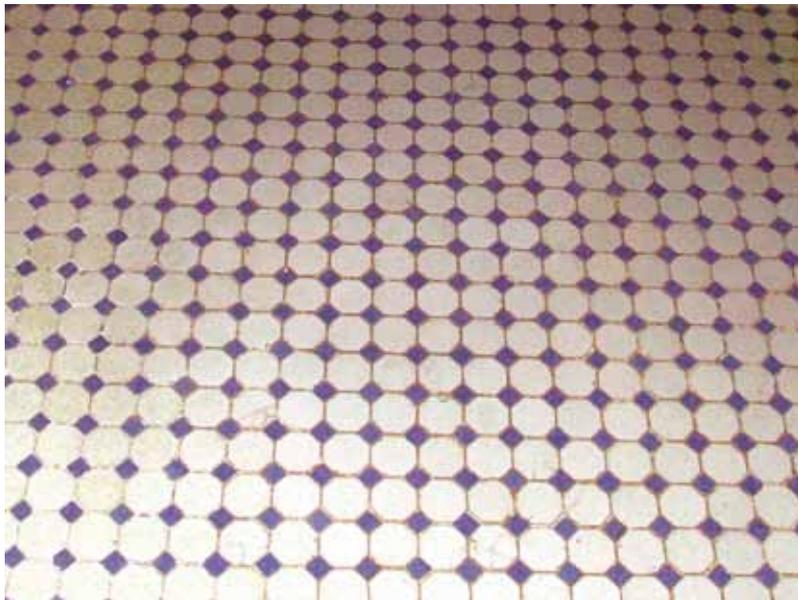
56

A casa-sede encontra-se em bom estado de conservação, tendo em vista o tratamento dado ao assoalho de tábuas largas. Percebe-se que, ao longo dos anos, o casarão passou por muitas intervenções, o que se verifica pelos materiais utilizados em cada uma delas, como a cerâmica vermelha muito difundida entre os anos 50 e 70; o *design* da serralheria do guarda-corpo da varanda; as colunas de concreto da varanda em substituição às de madeira originalmente instaladas; a construção de banheiros na década de 1950 – detalhe para o revestimento de mosaico (f57) – e o revestimento cerâmico da sala de almoço.

Obras mais recentes, talvez empreendidas na década de 80, foram realizadas em uma das casas de colonos, na época adaptada para residência de um dos membros da família, atualmente desabitada. Da mesma época é uma varanda interna que faz a comunicação dessa construção à casa-sede (ver f31).

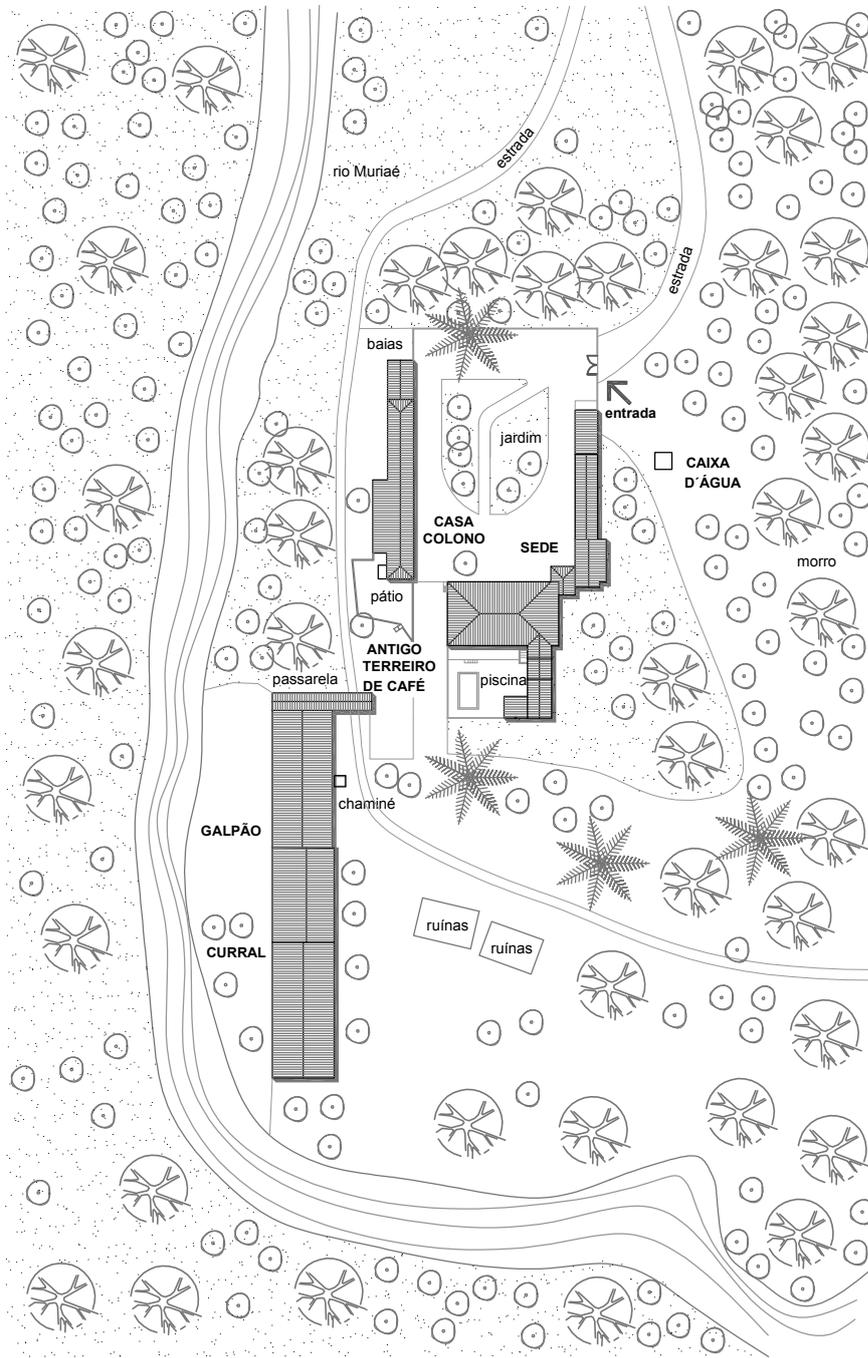
Verificamos a realização de obras recentes na fachada posterior, como a pavimentação da área onde está localizada a piscina, a sauna e a churrasqueira, que estão num nível abaixo da casa-sede.

Outra reforma, em andamento quando da visita de nossa equipe, é responsável pela substituição de caibros, ripamentos e telhas do telhado da ala de casas de colonos localizada do lado direito da casa-sede. Além da intervenção no telhado, procedeu-se a pintura da alvenaria e das esquadrias (ver f45).



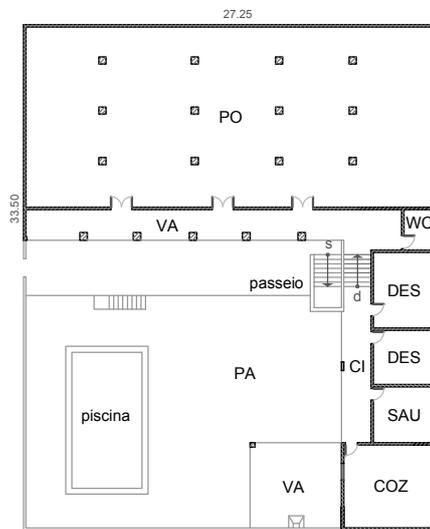
57

**FAZENDA SÃO DOMINGOS**



**1** Implantação  
escala: 1/2000  
0 5 10 20 50

**FAZENDA SÃO DOMINGOS**



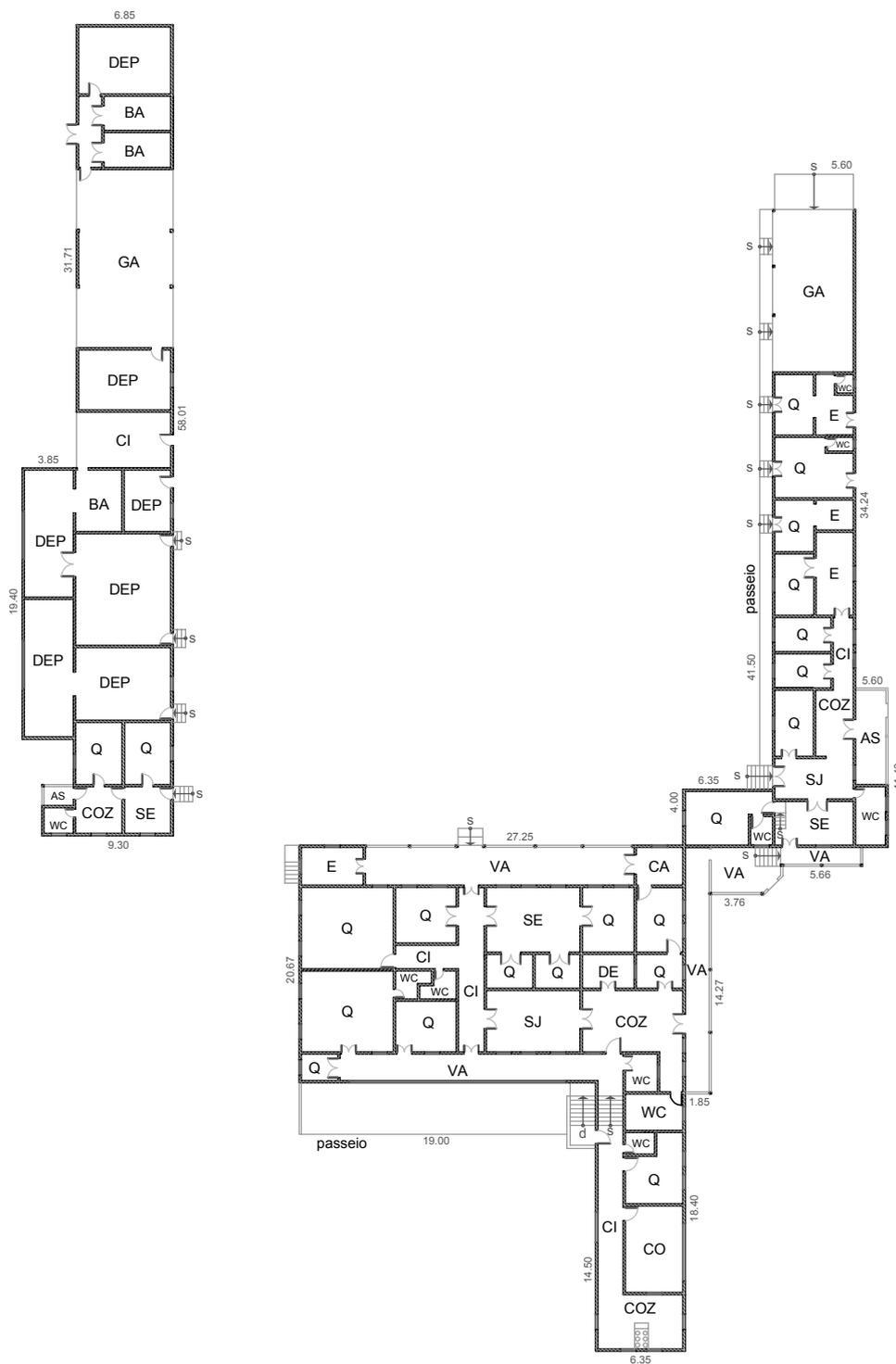
**1** Planta Baixa da Sede - Pavto. Inferior  
escala: 1/500



CI - circulação    DES - despensa    PO - porão    VA - varanda  
COZ - cozinha    PA - pátio    SAU - sauna    WC - banheiro

alvenaria existente  
 alvenaria demolida

**FAZENDA SÃO DOMINGOS**



**1** Planta Baixa da Sede - Pavto. Superior  
escala: 1/500



AS - área de serviço	CI - circulação	DEP - despensa	GA - garagem	SJ - sala de jantar	alvenaria existente
BA - baia	CO - copa	DEP - depósito	Q - quarto	VA - varanda	alvenaria demolida
CA - capela	COZ - cozinha	E - escritório	SE - sala de estar	WC - banheiro	

equipe: Marcelo S. de Martino/ Vítor Caveari / Lia Márcia de Paula Bruno	desenhista: Jean Rabelo Ferreira	revisão: Francyla Bousquet	data: abr 2010
---	-------------------------------------	-------------------------------	-------------------

A Fazenda São Domingos foi fundada pelo alferes Joaquim Ribeiro da Silva, que adquiriu de um posseiro, em 1839, os 1.280 alqueires de 100 x 100 braças, pela importância de Cr\$ 12.000,00. Joaquim Ribeiro da Silva chegou à margem direita do Ribeirão de São Domingos após se desfazer de uma sociedade de mineração, em Minas Gerais, com o francês François Dumont, avô paterno de Santos Dumont. O comendador Francisco de Paula Santos – sogro do Dr. Henrique Dumont e filho de François – possuía a Fazenda do Casal na Província do Rio de Janeiro, município de Valença, para onde se mudaram Henrique Dumont acompanhado de sua esposa, D. Francisca de Paula Santos, e filhos, entre eles o recém-nascido Alberto Santos Dumont, em 1874. Ali descobriram a importância do café e, com o dinheiro que dele obtiveram, compraram o Sítio da Cascavel em Ribeirão Preto (SP), onde também adquirem a Fazenda Arindeúva, a qual posteriormente passou a se chamar Fazenda Dumont.

Segundo Gil Leite, que colaborou na edição de *A Terra da Promissão – História de Itaperuna*, os documentos mais antigos que fazem referência à origem da Fazenda da Barra de São Domingo são as escrituras manuscritas da Ilha Grande ou Boa Vista, propriedade fronteira à sua sede, vendida por Antônio José da Silva em 1856, e da Ilha Boa Esperança, onde estava localizado o açude sobre o leito do rio, vendida por Ricardo Seabra Martins, em 1845, a Francisco Antônio Pimenta.

Para iniciar a fazenda, Joaquim Ribeiro da Silva trouxe alguns escravos, aos quais prometeu alforria ao concluir os pagamentos referentes à aquisição da fazenda, e assim o fez.

Joaquim Ribeiro da Silva era casado com sua sobrinha, D. Maria Constança de Jesus da Silva, e o matrimônio, que necessitou de autorização do bispo de Ouro Preto, só foi permitido após o cumprimento de severas penitências que lhes foram impostas.

Em 1842, Joaquim trouxe a família que, nessa época, era composta pelos filhos Joaquim Ribeiro dos Santos Silva; Francisco Ribeiro dos Santos Silva; Francisca Ribeiro da Silva; Emerenciana Constança Machado e Francisco de Assis Ribeiro dos Santos, nascido em Itaperuna

*Era esse desbravador um mineiro dinâmico, inteligente e de elevadas qualidades morais, que multiplicava a produção de sua fazenda e, já naquela época, industrializava os seus produtos. Recebeu em sua fazenda, por várias vezes, a visita de seu parente Santos Dumont (f58) e a do Senhor D. Pedro II (f59), Imperador do Brasil, em 1883 (HENRIQUES, 1956:66).*

Dessa fazenda saiu o primeiro bacharel em Direito de Itaperuna, o Dr. Joaquim Ribeiro dos Santos Silva, diplomado em São Paulo, no ano de 1861. (...) *Esse advogado era de porte fidalgo e culto, somente recebendo visitas vestido com traje completo, de colarinho e punhos engomados, de gravata e calça vincada, como se fosse para uma parada de elegância (HENRIQUES, 1956:66).*

Seu irmão, Francisco de Assis Ribeiro dos Santos (f60), casado com D. Jacinta Ribeiro de Castro dos Santos (f61), foi uma das principais figuras na criação do município de Itaperuna, tendo sido vereador republicano e o primeiro presidente da Câmara, em pleno regime monárquico, o que pode ser facilmente comprovado uma vez que o ato de instalação deu-se em 4 de julho de 1889 e a Proclamação da República, em 15 de novembro do mesmo ano. Como homenagem, seu nome foi dado a uma das principais vias públicas da cidade, a Rua Assis Ribeiro.

*Era uma fazenda que bastava a si própria, e era uma das maiores do Estado do Rio, senão a melhor em organização agrícola, em montagem e em obras de vulto e valor. A sua cultura mais importante era o café seguindo-se a do milho, de arroz, do feijão, da cana de açúcar, de algodão, de fumo, de mamona e o chá da Índia. Todos esses produtos eram industrializados na própria fazenda para uso dos seus habitantes e com alguns dos quais, os seus proprietários concorreram a exposições nacionais e internacionais, levantando menções honrosas, medalhas de bronze, de prata e de ouro (HENRIQUES, 1956:226).*

Sobre essas exposições, o major Porfírio Henriques relata o seguinte: *“Em 1871, a Fazenda São Domingos tomou parte na exposição municipal de Campos, patrocinada pela Sociedade Artística Beneficente, expondo os produtos: café, açúcar, chocolate e chá da Índia (plantado, colhido e industrializado na fazenda) merecendo menção honrosa e recebendo medalha de ouro maciço com o desenho de duas mãos apertando-se em volta na legenda: – “A união faz a força”. Com estes produtos concorreu em 1873, em duas exposições: na 3ª Exposição Nacional do Rio de Janeiro e na Exposição Internacional de Viena (Áustria, Europa), tendo em ambas conquistado louvores e medalhas: de prata com a efígie do Imperador D. Pedro II e de bronze, com a efígie de Francisco José I, Rei da Bohemia e Hungria. Ainda em 1875, concorreu à 4ª Exposição Nacional do Rio de Janeiro, levantando a medalha de bronze ‘Ao Mérito’.”* Fora isso, os produtos produzidos na São Domingos, que chegou a ser a maior fazenda em extensão territorial e mais progressista da região, figuraram por muitos anos nos mercados do Brasil, da América e da Europa.

Em 1876, faleceu o alferes Joaquim Ribeiro da Silva, e a fazenda, em vez de ser partilhada, foi organizada em uma sociedade sob a firma Maria Constança de Jesus & Filhos, que deu continuidade às atividades sob a direção da viúva, que enviou produtos da fazenda, como café, cacau, açúcar, tapioca, frutas e chá da Índia, para participar da Exposição de Filadélfia, nos Estados Unidos, onde obteve menção honrosa e medalha de bronze. Em 1893, o Estado do Rio de Janeiro produziu 1.025.966 sacos de café, dos quais 12.000 arrobas de café foram produzidas pela Fazenda São Domingos, cuja cultura era feita simetricamente sob a ramagem dos ingazeiros plantados em fila indiana.

Cabe registrar que (...) a *Fazenda São Domingos, antigamente, possuía teares onde se fabricavam tecidos de algodão para a sua escravatura, cuja fibra era produzida na mesma fazenda que a industrializava até para exportação, tendo, para esse mister, maquinaria própria e prensa para enfardar. A fazenda possuía grande aguada correndo em cortes de rocha viva, 4 rodas d'água, fábrica de farinha, azeite de mamona, açúcar, café, serraria, diversos moinhos de fubá e um dos melhores e mais variados pomares do Estado* (HENRIQUES, 1956:67).

Ainda em 1893, os sócios cogitaram instalar uma usina de açúcar, mas, havendo discordâncias, Francisco Ribeiro dos Santos Silva deixou a sociedade para se instalar em Leopoldina, MG, onde adquiriu duas fazendas, vindo a falecer no mesmo ano. No ano seguinte, faleceu sua mãe, D. Maria Constança de Jesus e Silva.

À mesma época, Francisco de Assis Ribeiro dos Santos se transferiu para o município de Campos e, em sociedade com o cunhado, adquiriu uma usina. Faleceu em 1898, deixando viúva D. Jacinta Ribeiro de Castro, sem descendentes. Em 1909, veio a óbito o Dr. Joaquim Ribeiro dos Santos Silva, cabendo aos seus descendentes e à viúva de Assis Ribeiro a posse da Fazenda São Domingos, posteriormente vendida ao cel. Carlos de Oliveira Leite e seu sogro, o cel. Manoel Maria Vieira.

O cel. Carlos de Oliveira Leite desmembrou parte das terras – que passaram a formar a Fazenda Toyama – e vendeu a Fazenda São Domingos alguns anos mais tarde ao Dr. Atilano Crisóstomo, capitalista campista. Após seu falecimento, coube a propriedade a seu genro, Sr. Renée Luiz Ribeiro, que por sua vez a vendeu, em 1950, ao Sr. José Neves Martins, seu atual proprietário.

A Fazenda São Domingos possui, atualmente, 330 alqueires de terras. Apesar de parte de suas terras estarem em processo de reforma agrária, a fazenda gera vinte empregos de maneira direta, distribuídos por cinco famílias residentes na propriedade, onde cuidam da criação de gado de corte, principal atividade econômica, e da manutenção, conservação e limpeza de um dos maiores conjuntos arquitetônicos rurais da região noroeste do Estado.

*Fazenda histórica teve os seus dias de glória e de fausto, recebendo, por vezes, a honrosa visita de altas personalidades. E, ao folhearmos, com veneração e respeito, como agora o fazemos, as páginas de ouro do seu passado, vivem nitidamente, em nossa imaginação, os dias de opulência, de fartura e de riqueza, que o braço nobre e generoso dos escravos num labor constante e fecundo criou e deixou estampado eternamente para exemplos dos vindouros.*

*Mas, sobretudo, quem contemplar de perto ou de longe, as construções da fazenda da “Barra de São Domingos”, ainda bem conservadas e altaneiras, não pode deixar de evocar, entre admiração e respeito, as figuras veneráveis dos seus fundadores, o alferes Joaquim Ribeiro da Silva e de sua virtuosa esposa, D. Maria Constança de Jesus Silva, que para ali se transportaram em época já muito distante de nós, em pleno sertão do Vale do Muriaé, na sublime missão do cultivo da terra, com perseverança, coragem e abnegação, edificando a mais bela e melhor fazenda do norte do Estado do Rio de Janeiro.* (BIZZO, 2008).

Em 2008, foi realizado o tombamento provisório pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC, em caráter voluntário, como forma de salvaguardar esse importante patrimônio cultural fluminense, expoente do ciclo do café em Itaperuna, que chegou a ser o maior produtor do Brasil durante primeiras décadas do século XX.



Francisco de Assis Ribeiro dos Santos



D. Jacinta Ribeiro de Castro dos Santos, sua esposa

A fim de ilustrar o que o município de Itaperuna representou na economia brasileira, segue a transcrição de um poema de Manuel Bandeira, um dos poetas mais criativos e inovadores da literatura brasileira contemporânea, publicada no livro *Estrela da Vida Inteira – poesias reunidas*. Livraria José Olympio Editora. RJ, 1966.

### Itaperuna

Primeiro houve entradas p'ra pegar índio  
Entradas para descobrir ouro.  
Agora há entradas pra plantar café.  
Um dia trouxeram da Martinica um soldadinho verde.  
O soldadinho juntou-se com a mulata roxa  
E nasceu um exército de soldadinhos vermelhos.  
Os batalhões alinharam-se  
Marcha soldado,  
Pé de café!  
E tomaram de assalto as baixadas, as lombas,  
As faldas e os contrafortes até o planalto.  
Do meio deles  
- De estrela, boa estrela -  
Saiu o maior soldado brasileiro.  
Onde acampavam  
Havia riqueza:  
Colares, trapiches,  
Estradas reais calçadas com pedra,  
Resendes, Valenças, Vassouras,  
Os tejuco do café,  
Com linhagem de barões estadistas que formaram  
Gabinetes e deram lustres aos bailes do segundo  
Império.  
Mas o amor do soldado derreia a mulata,  
O mau goza, se satisfaz e –  
Marcha soldado,  
Pé de café!  
Soldado gosta de mulher nova:  
Araçatubas de peito duro...  
Itaperuna de maiô preto...  
Itaperuna!  
Ponta de trilho da civilização cafeeira!  
Criação republicana e brasileira!  
Único município que não aderiu:

Porque era republicano antes da República.  
Ora esta, eu agora me esqueci que não sou republicano.  
Ponhamos: Itaperuna exceção republicana!  
Desta república de paulistas e baianos,  
Paulistas de Macaé!  
Marcha soldado,  
Pé de café!  
Qual onda verde nada  
Batalhão é que é.  
Batalhão da república militarista.  
Itaperuna exceção republicana!  
Itaperuna pacífica das pequenas propriedades  
Das quatro mil oitocentas e seis pequenas  
Propriedades registradas  
Com os seus oito milhões de arrobas.  
Terra de José de Lanes,  
Bandeirantes sem crimes na consciência.  
Itaperuna sem Rio das Mortes nem Mata da Traição.  
(Exceção republicana!)  
Vértice norte do triângulo Itaperuna.  
Araçatuba, Paranapanema,  
Onde estão acampanhados os batalhões de café  
Marcha soldado,  
Pé de café.  
Se não marchar direito  
O Brasil não fica em pé!

### Fontes:

BIZZO, Márcia Canedo. *Inventário de Identificação de Bens Imóveis*. INEPAC. Secretaria de Estado de Cultura, 2008.

COLÉGIO ESTADUAL CHEQUER JORGE. *Fazendas Históricas de Itaperuna*. Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda, 2005.

*Grandes Personagens da Nossa História*. São Paulo: Abril Cultural Ltda, 1970; p.870.

HENRIQUES, Porphírio. *A Terra da Promissão – História de Itaperuna*, Gráfica e Editora Aurora, 1956, p. 226.

*O Café – No Segundo Centenário de sua introdução no Brasil*. Edição do Departamento Nacional do Café. Rio de Janeiro, 1934; p.421.

PACHECO, Jacy. *Paisagem Fluminense*. Rio de Janeiro: Instituto Fluminense do Livro / Imprensa Oficial, 1969.

Revista *UNICIDADES* – Revista do Noroeste Fluminense Ano 2 – Setembro de 2009.

<<http://www.santos-dumont.net>>

< <http://pt.wikipedia.org>>

### Referências Fotográficas:

HENRIQUES, Porphírio. *A Terra da Promissão – História de Itaperuna*. Gráfica e Editora Aurora, 1956, p.99.;

(Capa) Revista *UNICIDADES* – Revista do Noroeste Fluminense Ano 1 – Setembro de 2008.

(f46) JÚNIOR, Leopoldo Muylaert. *Album de Itaperuna*, 1910.

(f59 e f60) *Grandes Personagens da Nossa História*. Abril Cultural Ltda. São Paulo.1970.

(F61 e f62) HENRIQUES, Porphírio. *A Terra da Promissão – História de Itaperuna*. Gráfica e Editora Aurora, 1956.